

Café baiano premiado em concurso nacional

ADELMO BORGES

O café feito na Bahia, que tem a quarta maior produção do país, está entre os melhores do Brasil. Quem atestou foi uma comissão formada por 25 juízes de 12 países que participaram da terceira edição do Concurso de Qualidade do Café do Brasil, realizado em São Paulo, entre os dias 23 e 25 de outubro. Foram analisadas 375 amostras e o café baiano ficou entre os 18 melhores, obtendo duas colocações. Os finalistas vão agora participar de um leilão pela internet, onde os produtores conseguem excelentes preços pelo café premiado, além de receberem o prêmio "Cup of Excellence". O café baiano premiado é oriundo de duas fazendas em Mucugê, na Chapada Diamantina, de uma mesma empresa, a Agrosol, que obteve o 12º lugar com o café da Fazenda Sol do Paraguassu e o 18º com a Fazenda Horacínopolis. O concurso foi organizado pela Associação Brasileira de Cafés especiais e pelo Programa Cafés do Brasil.

Segundo o proprietário, Luiz Vianna Neto, a premiação "é consequência do planejamento e estabelecimento de metas empresariais, que objetivam a produção de café *in natura* com qualidade, o que já vem ocorrendo, pois somos há muito tempo fornecedores das maiores e mais acreditadas em-

produto de qualidade para comprar. Este ano a organização do evento permitiu a participação de pequenos produtores (o mínimo foi de 20 sacas), ampliando bastante o leque de possibilidades e dificultando a competição.

Sílvio, que foi proibido de participar com o café da fazenda que administra, por ser juiz do concurso, lembra que para ser premiado é preciso um rigor grande no processo de produção, que vai desde o momento em que o café é colhido, até a fase final de processamento, sendo a secagem uma das etapas mais importantes.

Boa hora

Para João Lopes Araújo, presidente da Assocafé, a premiação veio em boa hora, pois o café vive hoje um ciclo de baixa nos preços (a saca custa hoje em torno de R\$ 110,00, enquanto há três anos custava US\$ 130,00). Segundo ele, alguns produtores estão pensando em desistir da cultura, sem levar em consideração que o café vive momentos cíclicos em termos de preço. "Além disso, existe hoje uma faixa de consumo que tem crescido muito, mas que ainda é pouco explorada pelos produtores brasileiros, que é a do café fino", lembra.

Lopes ressalta que hoje o mundo produz café numa velocidade que não está acompa-



Fotos: José Silva

O café na Bahia deve experimentar um crescimento, no próximo ano, de 400 mil sacas

café, por isso temos que buscar cada vez mais a excelência de nosso produto".

Lopes lembra que existe também no Brasil o concurso da torrefadora italiana Illy Café, que seleciona os melhores e

paga R\$ 210,00 pela saca dos melhores cafés. No caso do concurso realizado recentemente em São Paulo também há um acréscimo no valor pago aos finalistas. No primeiro concurso, em 1999, os 10 me-

lhores tiveram um acréscimo de US\$ 91,00 sobre o valor da época e no ano passado o acréscimo foi de US\$ 102,00. Este ano a expectativa é que o preço chegue a R\$ 400,00 de acréscimo.

Crescimento na Bahia

mesma empresa, a Agribahia, que obteve o 12º lugar com o café da Fazenda Sol do Paraguassu e o 18º com a Fazenda Horacinópolis. O concurso foi organizado pela Associação Brasileira de Cafés especiais e pelo Programa Cafés do Brasil.

Segundo o proprietário, Luiz Vianna Neto, a premiação “é consequência do planejamento e estabelecimento de metas empresariais, que objetivam a produção de café *in natura* com qualidade, o que já vem ocorrendo, pois somos há muito tempo fornecedores das maiores e mais acreditadas empresas exportadoras do produto”. Ele destacou ainda o apoio da Associação de Produtores de Café da Bahia (Assocafé) e disse que “o prêmio pertence a todos os cafeicultores baianos, que lutam pela qualidade e reconhecimento do café produzido no Estado”.

De acordo com um dos juízes do concurso e gerente da Agribahia, fazenda de café situada no município de Brejões, Silvio Luís Leite, o Brasil vive um momento muito especial de abertura de mercados no exterior para o café especial e a Bahia já tem excelência no ramo há muito tempo. Segundo ele, esse tipo de concurso é importante porque além de valorizar economicamente o café da fazenda dos vencedores, o comprador fica sabendo onde tem

algos um ciclo de baixa nos preços (a saca custa hoje em torno de R\$ 110,00, enquanto há três anos custava US\$ 130,00). Segundo ele, alguns produtores estão pensando em desistir da cultura, sem levar em consideração que o café vive momentos cíclicos em termos de preço. “Além disso, existe hoje uma faixa de consumo que tem crescido muito, mas que ainda é pouco explorada pelos produtores brasileiros, que é a do café fino”, lembra.

Lopes ressalta que hoje o mundo produz café numa velocidade que não está acompanhando o consumo (em torno de 117 milhões de sacas), mas a maior parte de má qualidade. O Vietnã, por exemplo, que há 10 anos produzia 1 milhão de sacas, passou para 12 milhões, inundando o mercado e forçando o preço para baixo. Além da mão-de-obra barata, o país asiático ainda conta com subsídios do governo e a ajuda do governo francês. “Por isso o produtor tem que buscar qualificar seu produto e colocá-lo no mercado externo”, ressalta Lopes, lembrando que a burocracia foi reduzida e que o custo para exportar não é tão alto como alguns pensam. “Os Estados Unidos, que são os maiores consumidores do mundo, estão cada vez mais preocupados com a qualidade do

café, por isso temos que buscar cada vez mais a excelência de nosso produto”.

Lopes lembra que existe também no Brasil o concurso da torrefadora italiana Illy Café, que seleciona os melhores e

paga R\$ 210,00 pela saca dos melhores cafés. No caso do concurso realizado recentemente em São Paulo também há um acréscimo no valor pago aos finalistas. No primeiro concurso, em 1999, os 10 me-

lhores tiveram um acréscimo de US\$ 91,00 sobre o valor da época e no ano passado o acréscimo foi de US\$ 102,00. Este ano a expectativa é que o preço chegue a R\$ 400,00 de acréscimo.

Crescimento na Bahia

A safra deste ano da Bahia deve ficar em torno de 2 milhões de sacas, basicamente a mesma registrada no ano passado, mas para o próximo ano a expectativa é de que haja um acréscimo de mais 400 mil sacas devido aos novos plantios do sul da Bahia e ao café irrigado do oeste do Estado.

A produção brasileira está em 30 milhões de sacas. Este ano a safra foi prejudicada pela geada no Paraná e pela seca em parte de Minas Gerais. Os cinco maiores produtores são, pela ordem, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia e Paraná. Segundo Lopes, apesar de os Estados Unidos liderarem o

consumo no mundo, o maior comprador do Brasil é a Alemanha, que embala, processa e reesporta para outros países da Europa e muitas vezes não diz que é café brasileiro.

Já a torrefadora Illy Café compra o café brasileiro, leva para processar na Itália, mistura e revende para o próprio Brasil como um café especial e, portanto, mais caro. Lopes lembra que um bom exemplo da excelência de nosso café é a produção da Agribahia, em Brejões, que já está há cinco anos na Europa, sendo comercializado na Harrolds, na Inglaterra, com sucesso. “São exemplos assim que

precisam ser seguidos e a Bahia tem potencial para uma grande produção de cafés finos, pois temos solo e clima favoráveis, além de um produtor competente”, ressalta Lopes, lembrando que a Federação da Agricultura do Estado da Bahia, por meio de se presidente João Martins e diretoria, tem dado todo o apoio à atividade no seu Estado, seja levando as reivindicações dos produtores aos órgãos competentes, seja incentivando os encontros e simpósios organizados pelo setor. Em março do próximo ano, por exemplo, será realizado o IV Agrocafé, em Salvador, com o apoio da Faeb.
